

Lembro-me do ataque à base de Nangade

Notícias (supl.),
18 sept. 2012 p.21

- Mussa Aussa, patenteado capitão de reconhecimento

E ngajei-me nas Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM) - braço armado da FRELIMO - no ano de 1972. Combati até à proclamação da independência nacional e lembro-me, amargamente, do ataque à base de Nangade. Fui atingido por estilhaços da artilharia e fiquei ferido no dedo - marcas que as conservo até à data - conta-nos Mussa Aussa.

Aussa treinou-se, como muitos outros combatentes, no campo de Nachingwea, na Tanzânia. Seis meses depois foi dado como apto para a guerra, tendo sido enviado para a província de Cabo Delgado, onde se instalou, alternadamente, nas bases Beira e N'Tchinga.

"Ferido em combate, durante o ataque à base de Nangade, fui levado de volta a Tanzânia, onde trabalhei no armazém do equipamento militar, até pouco antes da assinatura dos Acordos de Lusaka", recorda-se ainda Mussa Aussa.

Assinados os Acordos de Lusaka, chegou a vez de regressar em definitivo à casa. E Mussa Aussa foi destacado para o grupo de avanço na viagem de despedida do Presidente Samora Machel à Tanzânia.

"Percorri quase todas as províncias da Tanzânia, seguindo em frente na despedida de Samora ao povo irmão daquele país. Voávamos num avião de fabrico russo, o Antonov", conta.

Finda a volta à Tanzânia, segundo rebuscou, o grupo a que fazia parte foi enviado à Nacala-Porto, isto em 1975, para guarnecer o quartel local. Havia lá bastante material.

Aussa lembra-se ainda que em 1977 foi seleccionado para o curso intensivo de defesa antiaérea, findo o qual foi indicado para o distrito de Chicualacuala, em Gaza, zona afectada pela guerra levada a cabo pelo regime minoritário de Ian Smith, na então Rodésia do Sul.

"Aqui permaneci até 1979, para depois ser transferido para Beira. Devo salientar que dado o meu desempenho cheguei a ser patenteado como capitão. Fiquei na Beira até 1992, altura da assinatura do Acordo Geral de Paz (AGP). A meu pedido fui transferido para Lichinga, onde fui patenteado capitão de reconhecimento de fundo (espionagem). Trabalhei em Nairobi e no Malawi até à minha desmobilização em 1994", refere a fonte.

Entretanto, durante a guerra de desestabilização Mussa Aussa diz ter combatido em Búzi, Gorongosa e na Casa Banana.

"Integrei o grupo que atacou a Casa Banana, no qual morreu André Matsangaissa", diz orgulhoso o combatente da luta de libertação nacional.

Terminada a guerra e tendo sido desmobilizado, interrogámos-lo sobre os propósitos da luta desencadeada contra o colonialismo



português, ao que nos respondeu que a mesma valeu, dado que o país está independente, vive em clima

de paz e reconciliação e o seu actual desafio é a luta contra a pobreza "Pessoalmente tenho uma pen-

são mensal que me é paga pelo Estado em reconhecimento de tudo quanto fiz, primeiro pela conquista da independência e, um pouco mais tarde, pela defesa da integridade territorial", reconheceu, apontando porém, que os moçambicanos, na sua generalidade, ainda não vivem em condições desejáveis, pois nem tudo depende deles. É preciso olhar para o mundo em que o país se encontra inserido", destaca.

Mussa Aussa referiu ainda que apesar das dificuldades, o Governo procura, 37 anos após a proclamação da independência nacional, soluções para os problemas que afectam o país. Em resultado disso regista-se a construção de muitas infra-estruturas económicas e sociais; a produção agro-pecuária tende a aumentar e todos os indicadores macroeconómicos apontam para o sentido positivo.

"O Governo introduziu a filosofia dos sete milhões, através dos quais se gera o emprego e se produz comida, minimizando o impacto da pobreza no seio da população", diz, lamentando, porém, o facto de a sua associação, baseada em Matchedje, não obter qualquer resposta em relação ao pedido de financiamento para o projecto agrícola submetido há mais de três anos ao conselho consultivo local.

"Isso é uma questão de gestão daquele fundo. Um dia chegará a vez da nossa associação", destacou